

O CATECISMO NO DISCURSO DA ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA DO SÉCULO XVIII

[Texto Publicado: *Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias*, Vol. X, Lisboa, 1998, p. 217-240]

Francisco A. Lourenço Vaz

(Universidade de Évora)

O catecismo, entendido como livro e ensino das verdades da religião, apesar dos seus antecedentes remontarem ao tempo dos primeiros cristãos e época medieval, só a partir do século XVI se assumiu como nova pedagogia e meio de cultura das massas. Para o facto contribuíram decisivamente os movimentos reformistas e o desenvolvimento da imprensa que, como é sabido, revolucionou a produção do livro e consequentemente o acesso à cultura de um maior número de pessoas. Neste contexto as obras de Martinho Lutero, o *Grande Catecismo* de 1529, seguido do *Pequeno Catecismo*, provocaram uma forte produção e difusão de catecismos, como fruto da emulação entre católicos e protestantes. Lutero marcou também a pedagogia e didáctica do ensino catequético e dos manuais, insistindo sobretudo na simplicidade e clareza do texto para conseguir uma memorização dos princípios por parte das crianças e só depois a explicação ou a significação da doutrina.¹

A partir de meados do século XVI sucedem-se por toda a Europa Ocidental e territórios colonizados pelos europeus a edição de catecismos, constituindo um dos êxitos editoriais mais notáveis e envolvendo autores consagrados como Erasmo, Calvino e com o Concílio do Trento, Belarmino, Francisco Xavier, Frei Bartolomeu dos Mártires, só para falarmos dos nomes mais sonantes. O catecismo constitui um produto cultural que envolve todos

¹ Lutero marcaria também a produção literária de catecismos com graduação da doutrina e dos manuais: um grande catecismo dirigido aos “especialistas” e até aos teólogos e um pequeno ao restante público. Veja-se sobre o papel de Lutero e o género catecismo na Europa e territórios colonizados pelos europeus, Elisabeth GERMAIN, *Jesus Christ dans les catéchismes. Étude historique*, Paris, Desclée, 1986, p. 12 e ss.

os grupos sociais e, embora sendo produzido fundamentalmente pelas elites eclesiásticas, dirige-se sobretudo aos grupos populares e às crianças. Trata-se, portanto, dum objecto de estudo fundamental para uma história das crenças, da piedade popular, da pedagogia, das mentalidades, nomeadamente os comportamentos familiares, tais como as relações entre cônjuges e entre pais e filhos, ou mesmo das atitudes económicas, ao longo de todo o Antigo Regime². Não é assim de estranhar que a historiografia contemporânea revele um crescente interesse pelo tema, com trabalhos e projectos, que ultrapassam o campo das ideias religiosas³.

O nosso estudo centra-se na segunda metade do século XVIII, na perspectiva de precisar os diferentes significados que o catecismo assume no discurso das Luzes e no reformismo que o caracteriza. Nesse sentido analisaremos a ideia de catecismo de Frei Manuel do Cenáculo, em cuja acção pastoral notamos uma insistência constante no ensino da catequese. Procedemos também a uma leitura de dois catecismos publicados no período referido, a fim de aferir o conteúdo e pedagogia dos manuais.

1 - A Instrução Pastoral sobre o Catecismo

E o prefácio de René REMOND é obra da mesma autora: *Langages de la foi a travers l'histoire*, Paris, Fayard, 1972.

² - Não queremos sobrevalorizar a importância do catecismo e apesar do tema merecer um estudo mais cuidadoso, concordamos globalmente com aqueles que defendem que a religião, e neste caso o ensino do catecismo as populações rurais, ou a leitura e ensinamentos da Bíblia (sobretudo nos países protestantes) constituíram uma forma de instrução que desempenhou um papel decisivo na vida económica das sociedades de antigo regime. Por outro lado é conhecida a tese de Max Weber que aponta a reforma protestante como factor decisivo para a formação do “espírito capitalista”. Veja-se *The Protestant ethic and the spirit of capitalism*, London, George Allen, 1976.

³ - Na escola francesa destacam-se os estudos de Elisabeth GERMAIN e Raymond BRODEUR. Como projectos são de salientar dois colóquios levados a cabo pelo CNRS de Paris e Universidade de Laval no Quebec, um deles com actas publicadas: *La production des cathéchismes en Amerique française*, dir de Raymond BRODEUR e Jean Paule ROULEAU, Paris, Sainte-Foy éditions, 1986. O CNRS e a Universidade de Paris desenvolveram desde 1983 um projecto de investigação dirigido por Bernard PLONGERON, com o objectivo de publicar um repertório dos catecismos da América francesa. Da investigação desenvolvida resultou a publicação dos catecismos relativos ao Quebec: *Les catéchismes au Quebec, 1702-1963*, dir. De Raymond BRODEUR, Quebec-Paris, Presses de l' Université Laval-CNRS, 1990. Tivemos oportunidade de consultar o repertório na Biblioteca Nacional de Paris: a obra compõe-se de 957 entradas, repartidas em 8 categorias, totalizando 460 páginas.

Para a escola inglesa veja-se Ian M. GREEN, *The christian's ABC: catechisms and catechizing in England 1530-1740*, Oxford, Clarendon Press, 1996

A preocupação pela instrução perpassa toda a obra de Frei Manuel do Cenáculo e encontra-se bem documentada na reforma dos estudos da Terceira Ordem, no papel de reformador da Universidade de Coimbra ou, ainda, nos estudos que instituiu no paço episcopal de Beja ⁴. Por isso não constitui surpresa, que a sua acção pastoral seja dominada pela necessidade de instruir o clero da diocese, para assim alcançar a instrução do povo. Neste domínio o ilustre prelado desmente bem o juízo de Adam Smith: « *Os grandes dignitários da igreja, com todos os dotes dos fidalgos e leigos, e por vezes dos eruditos, são suficientemente cuidadosos com a manutenção da disciplina entre os seus inferiores, mas raramente se preocupam com a instrução do povo* »⁵.

Os problemas da direcção episcopal de Beja resultavam em grande parte da situação económica da população que se caracterizava, em finais do século XVIII, pela miséria e doença endémica, fruto duma má distribuição das terras e uma carga fiscal continuamente agravada. Esta situação traduzia-se, no plano da religião e das crenças, numa indiferença pelos preceitos da igreja e um recurso frequente às antigas superstições, tais como bruxaria, amuletos e formulas mágicas, sobretudo nas épocas de epidemias, ou de más colheitas⁶.

O bispo de Beja revela nas cartas pastorais um bom conhecimento desta realidade e preocupa-se em conduzir à razão o seu rebanho ou, como nos diz: « *Desmascarar viciosos que de imposturas comem (...), desviar para a verdade rusticos e tirallos do costume que*

⁴ - Consulte-se Jacques MARCADÉ, *Frei Manuel do Cenáculo Villas Boas. Evequê de Beja, archevêque de Évora*, Paris, 1978; do mesmo autor, *Frei Manuel do Cenáculo Villas Boas . Quelques notes sur sa pédagogie*, Paris, 1974; e o nosso estudo *As ideias pedagógicas em Portugal nos fins do século XVIII-Bento José de Sousa Farinha*, Lisboa, Tese de mestrado apresentada à Universidade Nova de Lisboa, 1992, (texto policopiado), pp. 22-23.

⁵ - Adam SMITH, *Inquérito sobre a natureza e as causas da riqueza das nações*, Lisboa, Fundação Gulbenkian, 1983, vol. II, pp. 429-430. Entre nós, relativamente ao período em análise, muitos outros casos demonstram que a preocupação pela instrução estava bem presente na acção pastoral de muitos bispos. Citemos o exemplos de D. José Azeredo Coutinho, bispo de Pernambuco e depois de Elvas, ou de D. João Avellar, bispo do Porto. Não podemos todavia deixar de concordar com a primeira afirmação smithiana, ou seja, que a « *manutenção da disciplina entre os inferiores* », está sempre presente na acção dos prelados portugueses.

⁶ - « *Faute d'une assistance suffisante, d'un encadrement médical ou hospitalier convenable, les habitants ont tendance à chercher un secours dans le surnaturel; mais, c'est moi vers la foi qu'ils se tournent que vers des multiples superstitions* ». (MARCADÉ, "Les hommes et la vie dans l'Alentejo du XVIII e siècle", *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. X, p. 207). O desleixo ou indiferença religiosa resulta também da situação económica referida, como o autor o reconhece: « *Le refus de faire célébrer une messe à l'occasion des mariages vient-il d'une certaine tiédeur religieuse, ou de la crainte d'avoir à déboursar 200 ou 240 réis?* » (Idem, p. 196).

*ouvirão e a que vivem apegados (...) mostrar a saude dos homens alterada não por causas extraordinarias, mas por motivos naturaes»*⁷

Assim, associado ao governo espiritual, o prelado toma medidas de carácter “urbano” ou de civilização. A começar pela demografia, como demonstra a pastoral de 1788 dirigida aos párocos e ordenando-lhe que procedam ao inventário dos nascimentos e óbitos, entre 1 de Janeiro de 1780 e 3 de Dezembro de 1786⁸. Preocupa-se mesmo com a saúde física dos diocesanos, encomendado ele próprio medicamentos para combater as doenças⁹.

Cenáculo iniciou com o episcopado um autêntico combate à superstição, ao desleixo e incúria religiosa, que levava, por exemplo, à recusa do casamento religioso ou das cerimónias de enterro por parte dos camponeses¹⁰. Neste combate o ensino religioso surge intimamente relacionado com a acção de prelado e pastor das ovelhas, que deve zelar pela manutenção da fé no seu rebanho, em constante luta contra o erro a ignorância, ou os desvios às verdades da revelação. Neste sentido o catecismo adquire papel fundamental. Mas a ideia em Frei Manuel do Cenáculo vai mais longe como o exprime:

*«O catecismo pode estenderse a todas as relações do homem, pois he alma de tudo quanto a creatura racional póde obrar virtuosamente. Com elle se espiritualizão as materialidades em que o homem se exercita referindose a Deos, à virtude, e ao bem pessoal e do próximo com quem vive combinado toda a variedade de acontecimentos»*¹¹.

O sentido ético reforça-se com a dimensão social e o âmbito da doutrina, que o prelado atribui ao catecismo e à missão dos catequistas. Com efeito entende que o ensino não se dirige apenas às crianças, mas a todos os membros da comunidade e que respeita aos comportamentos e atitudes dos homens em geral. Isso mesmo sublinhará numa “Saudação aos diocesanos”(1790):*« porque não entendemos por catecismo sómente o*

⁷ - CENÁCULO, *Cuidados Literários do prelado de Beja em graça do seu bispado*, Lisboa, 1791, p. 354.

⁸ - Biblioteca Pública de Évora, Cód. CXXX/2-16, fl.4. Dispomos para o conjunto das 119 paróquias de 96 respostas, que infelizmente, como frisa MARCADÉ, só apresentam resultados globais sem ter em conta os anos do referido período. Cfr., J. MARCADÉ, “Les hommes et la vie dans l’Alentejo du XVIIIe siècle”, *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. X., 1976. p. 200.

⁹ - Também em 1788 o prelado encomendou uma caixa de quinina para os doentes da diocese. Veja-se MARCADÉ, ob.cit., p. 205.

¹⁰ - cfr. MARCADÉ, “Les Hommes et la vie..”, p. 210.

¹¹ - *Instrução pastoral do Excelentissimo e Reverendissimo Bispo de Beja sobre o catecismo*, Lisboa, na Officina Typographica, 1786, p. 5.

*que pertence às perguntas simples dos meninos mas tudo o que respeita à doutrina da Religião, costumes, e disciplina»*¹².

Voltemos ao texto da Instrução, que podemos dividir em três partes: a índole do catecismo, ou seja, a sua origem e história, os agentes ou ministros do ensino e o objecto de estudo. Na primeira, como bom exegeta e erudito apaixonado pelos estudo das línguas clássicas e do hebraico, não podia deixar de invocar a etimologia da palavra, para reforçar o seu significado e dimensão social¹³. Procede depois à revisão histórica, começando pelos primeiros compêndios de «*Instrução doutrinal*», designados por *Symbolo*, que define como sinal distintivo escrito ou gravado no coração, atribuídos aos Apóstolos e onde se conjugava a oralidade com a escrita¹⁴. Delimitando o tema à forma escrita, o Bispo de Beja refuta a tese dos protestantes, segundo a qual antes de Lutero «*faltava na Igreja de Deos o desempenho do catecismo*»¹⁵, apontando os exemplos de S. Cirilo de Jerusalém e as suas *Catecheses* e, em Portugal, os textos do Cartório de Braga e do Mosteiro de Alcobaça. Reconhece, contudo, que só no século XVI com «*o adiantamento da arte impressoria*», se vulgarizou e difundiu o género. Salienta nessa época as *Cartilhas* de João de Barros e os catecismos de Frei Bartolomeu dos Mártires e do Bispo do Algarve (1554).

Entrando no domínio do ensino, Cenáculo, admite que pode ser gradual e os que o ministram de diversas categorias. Os pais, «*as pessoas de hum ou de outro sexo e ainda os meninos adiantados*»¹⁶ estão aptos a fornecer um ensino de repetição, ou seja, fazer com que as crianças memorizem as palavras dos Mistérios. Mas é sobretudo aos

¹² - *Saudação Pastoral do Excelentissimo, E Reverendissimo Bispo de Beja a seus diocesanos*, Lisboa, Officina Typographica, 1790, p. 4-5. Sublinhado nosso.

¹³ - «*catecismo hé qualquer instrucção que se dá a quem houve. A palavra é Grega e adoptada hoje na lingua patria*», *Instrucção pastoral...*, p. 8. Mais à frente precisa melhor a ideia: «*Esta instrucção doutrinal explicase por outras diversas palavras, mas ordinariamente catequizar, e catecismo são as vozes que significão o ensino dos Principios e cousas da Religião, e tal hé a maneira de explicar dos Santos Padres*» (Idem, p. 10-11). Relativamente aos estudos de línguas clássicas, de hebreu e árabe no paço episcopal de Beja veja-se Frei Vicente SALGADO, *Origem e progresso das línguas orientais na Congregação da Terceira Ordem de Portugal*, Lisboa, Officina Simão Thadeo Ferreira, 1790 e o nosso estudo: «*O ensino em Évora na segunda metade do século XVIII: da extinção da Universidade ao fim do consulado pombalino*», *Congresso de História no IV Centenário do Seminário de Évora. Actas*, Évora, 1994, vol I, pp. 195-207.

¹⁴ - Convém recordar que a oralidade continuará a ter um papel fundamental na catequese, papel que ainda é notório nos nossos dias.

¹⁵ - *Instrução ...*, p. 26.

¹⁶ - Ob. cit. p. 28.

catequistas que dirige indicações ou instruções precisas. Exaltando a sua função indica as qualidades humanas que devem possuir:

«Os catequistas devem possuir a necessária virtude de saber dobrarse aos tempos, lugares e as propensões e capacidades de seus ouvintes. Devem ser tudo para todos: soffredores, mansos: não haja mâi na ordem natural que os exceda nas caricias para introduzir luz, e calor em seus clientes»¹⁷.

Os catequistas, além das capacidades intelectuais apontadas, devem seguir uma pedagogia, que tenha na virtude e amor os principais fundamentos do ensino; este deve ser simples, claro e despejado de todas as controvérsias e discursos, em conformidade com o nível etário e social dos ouvintes¹⁸. Em questões de didáctica e pedagogia, em consonância com o papel de Cenáculo no reformismo pombalino, o relevo vai por inteiro para a ideia de método, como caminho mais curto para uma boa aprendizagem e também como sinónimo de clareza e simplicidade¹⁹. Determinações que estão em perfeita sintonia com a insistência em matéria pedagógica no método «*sintético e compendiário*», como a determinação indispensável para o progresso dos estudos²⁰.

Compreende-se, assim, a insistência no estilo dialógico e simples de arrumar os ensinamentos em perguntas e respostas, a que obedecem praticamente todos os catecismos da época:

«O primeiro dictame no methodo de catequizar hé dizer dos Mystérios em perguntas e respostas da maior simplicidade, em proposições claras e breves»²¹.

Este método permitirá, num primeiro estágio, a memorização da doutrina que por ser dom divino é indiscutível e, num segundo, o catequista passará «*ao coração*», ou à interiorização da doutrina por parte do crentes, a fim de os conduzir à «*aquisição de suas almas*»²².

¹⁷ - Idem, p. 33.

¹⁸ - «*Sua oração seja branda, simples, e repetida para maior clareza e intelligencia com aceitação, e despejada de controversias. Seja lisa sem tropeços de estranhas cousas, e de futilidades. Seja pura e ajustada às capacidades e estado dos ouvintes*». Idem, p. 35.

¹⁹ - Consulte-se sobre o conceito de método e sua importância no reformismo pombalino Pedro CALAFATE, *O conceito de natureza no discurso iluminista do século XVIII em Portugal*, Dissertação de doutoramento em filosofia apresentada à Faculdade de Letras, Lisboa, 1991, pp. 105 e ss.

²⁰ - Veja-se, a este propósito o nosso estudo *As ideias pedagógicas em Portugal nos fins do século XVIII-Bento José de Sousa Farinha*, dissertação de Mestrado apresentada à U.N.L, Lisboa, 1992.

²¹ - Ob. Cit. p. 35.

²² - Idem, p. 37.

A insistência numa religião vivida, através de uma assimilação dos preceitos religiosos e menos preocupada com questões de ritual, surge bem documentada na última parte da *Instrução Pastoral*. Com efeito, discorrendo sobre o objecto ou temática da instrução religiosa e insistindo numa boa formação dos catequistas, a principal recomendação é uma contínua e constante leitura e compreensão da Sagrada Escritura:

«Toda a matéria que o catequista houver de expor seja animada pelo estudo das Santas Escrituras: Nada tente senão depois de ter **devorado o Testamento Novo e o seu espirito**»²³.

Os temas do catecismo são basicamente dois: Deus e o Homem. Para os mistérios ou dogmas - Santíssima Trindade, queda humana e redenção- o modelo a seguir são as instruções de Jesus Cristo, compendiadas no Novo Testamento e no Decálogo.

Depois de traçar o caminho, ou método a seguir, Frei Manuel do Cenáculo aponta a meta e os resultados do catecismo. Em primeiro lugar, com as luzes da Revelação dissiparão o «*nevoeiro do erro e da malícia*», característicos do homem e só superáveis pela Fé; em segundo os crentes acatarão a autoridade da *Igreja Santa*. É o sentido disciplinador e de integração social e mesmo de racionalização da vida dos homens que notamos na insistência do prelado no catecismo: as verdades simples da religião constituem para ele o melhor meio de pacificação e progresso social. Neste sentido além dos objectivos políticos evidentes, nomeadamente a obediência dos súbditos num quadro de monarquia absoluta, o sentido ético e de valorização do homem constitui factor de modernidade no discurso do bispo bejense. O homem endoutrinado com as verdades eternas caminhará no sentido da perfeição:

«Certo hé que a Religião faz o homem obediente, sincero, amigo da perfeição nos seus officios, desconhecedor do ocio, recto em acções e deliberação. O homem penetrado de santidade já mais suplantará seu proximo: a caridade hé sua regra para os seus semelhantes»²⁴.

²³ - Idem, p. 57-58. Sublinhado nosso. O modelo que aponta é o dos primeiros cristãos e salienta, também os ensinamentos dos Padres da Igreja, sobretudo São João Crisóstomo e Santo Agostinho. Em nota de rodapé realça no Novo Testamento à importância da leitura e ensinamentos dos Actos dos Apóstolos: «*Este incomparável Escrito deve saberse de memoria e terselhe o mais radicado apêgo e consideração*», Idem, p. 60.

²⁴ - Ob. Cit. p. 76.

Com o catecismo pretende-se, em termos sociais e políticos, formar o “cidadão cristão”, ideia comum a outros vultos da nossa ilustração, como Teodoro de Almeida, ou António Ribeiro dos Santos²⁵.

Esta formação deve começar o mais cedo possível, ou seja na infância, para reforçar os efeitos do baptismo. O texto nesta parte, além de abordar as polémicas sobre a criança, as faculdades de raciocínio e actos de fé, insiste na necessidade de introduzir no coração dos meninos “as impressões religiosas”:

« Os meninos sendo desprezados do Catecismo arriscase a serem depois escandalo da Igreja e da Patria(...). A tenra idade he o principio da carreira e ha de consentirse que logo no principio entrem desviados do caminho, que tarde ou nunca repitão»²⁶

Delineados os parâmetros sobre o ensino, e para ficarmos com o quadro completo, vejamos que manuais aconselhava o bispo bejense nesta matéria. Anote-se que o prelado além de aconselhar os seus párocos lhe enviava, juntamente com as pastorais, as obras e, entre outras, boas « *proviões de catecismos*»²⁷, revelando que não queria um clero desinformado, mas letrado e para usarmos as suas palavras de “*raro zelo*”²⁸. Em matéria de catecismos, além do já tradicional do concílio tridentino, a sua preferência vai para o *Catecismo de Montpellier*, como o referiu textualmente numa outra carta pastoral, datada de 1790.²⁹

2- O catecismo de Montpellier

²⁵ - « Ribeiro dos Santos considerava o catecismo, numa linha de criação do cidadão cristão da sociedade marinha de fundamental importância como a primeira e mais importante parte da educação da mocidade». José Esteves PEREIRA, *O pensamento político em Portugal no século XVIII. António Ribeiro dos Santos*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1983, p. 68.

²⁶ - CENÁCULO, Instrução..., p. 94.

²⁷ - *Saudação pastoral do Excelentissimo, e reverendissimo Bispo de Beja a seus diocesanos*, Lisboa, Officina Typographica, 1790, p. 26. No fim o prelado enumera as obras que acompanham esta pastoral e que documentam bem a sua insistência na formação do clero: Catecismo evangélico (explicação dos evangelhos), Actos dos Apóstolos « *para conhecerem os povos a formação da Igreja catholica*» (idem, ibidem), Formulário para as preces « *que se hão de fazer no fim das Estações*», Catecismos « *nova provisão*», Devocionário « *em que se acham as orações, e actos de virtude que os catholicos são obrigados a praticar*», Salmos e Reflexão sobre a oração Dominical.

²⁸ - *Instrução pastoral do Excelentissimo, e Reverendissimo Bispo de Beja sobre alguns pontos da disciplina eclesiástica*, Lisboa, Officina Typographica, 1790, p. 4. Como o título documenta esta pastoral insiste sobretudo na instrução do clero. Cenáculo exige um clero instruído e disciplinado ou “pastores de raro zelo” e indica-lhe o catecismo como meio de cumprirem a sua missão.

O catecismo de Montpellier, da autoria do oratoriano François Aimé Pouget, a quem o bispo Colbert entregou a direcção do seminário da diocese e encarregou de redigir um novo catecismo, foi publicado pela primeira vez em Paris, em 1702 e surge num contexto caracterizado pela profusão e diversidade de edições de catecismos em França. Com efeito a partir de 1660 multiplicaram-se os catecismos diocesanos: os bispos recém-nomeados substituíam o catecismo do seu predecessor, sobretudo se ele era de uma tendência oposta. Em matéria de religião confrontavam-se as tendências jansenistas e os anti-jansenistas. Os jansenistas apelavam a uma liturgia mais autêntica, mais próxima dos crentes, mais participada e, por isso, ao uso da língua nacional nos textos e mesmo nos ritos³⁰. Havia nos jansenistas a preocupação de dar ao povo o conhecimento das verdades da fé e de difundir a leitura da Bíblia, a que apelavam nos textos pastorais. Ao contrário os anti-jansenistas insistiam numa religião mais ritualizada, segundo as tradicionais formas e usando o latim³¹.

A obra de Pouget inscreve-se na linha jansenista e, teve grande sucesso em França em virtude das suas qualidades pedagógicas³²; em 1731 contava já trinta edições que originaram forte polémica entre jansenistas e anti-jansenistas³³. Era nos ensinamentos sobre a graça que as duas correntes se opunham sistematicamente. Ao teocentrismo dos catecismos jansenistas, de inspiração augustiniana, que indicavam como principal dever do cristão dar glória a Deus durante a vida; opunham os anti-jansenistas a insistência em apontar detalhadamente os deveres do cristão: o que devia fazer para obter a salvação, em que devia acreditar, o que devia observar e praticar. Enfim os primeiros insistiam na graça como dom divino, não importando a forma mas o conteúdo, os segundos na culpa

²⁹ - Idem, p. 8.

³⁰ - « ..les curés jansenistes ou jansenisants, a un moment où la liturgie de la messe était totalement fermée aux fidèles, prétendent que le peuple doit suivre la messe et le canon en langue vulgaire, parce que, disent-ils, les laïcs qui assistent à la messe, sacrifient avec le prêtre». GERMAIN, E., Ob. Cit., p. 78.

³¹ - Não pretendemos desenvolver aqui as divergências entre jansenistas e anti-jansenistas ou em matéria filosófica entre os lógicos de Port Royal e o molinismo veja-se a este propósito : Irénée CARRÉ, *Les pédagogues de port-Royal. Histoire des petites écoles*, Geneve, 1971; e Esteves PEREIRA, ob. Cit. p. 398.

³² - Sobre o grande catecismo de Montpellier escreve j. MARCADÉ (1978): « *Le livre de François Aimé Pouget était une véritable somme des connaissances théologiques de l'époque; seules les qualités pédagogiques de l'auteur le rendaient accessible.*». Ob. cit. p. 342,

³³ - GERMAIN, Ob. Cit. p. 79.

e deveres do cristão, para obter a graça no quadro da igreja e segundo as suas normas e rituais.

Em Portugal o catecismo de Montpellier teve também grande sucesso editorial, a partir do século XVIII e até finais do século XIX sucederam-se as edições e traduções portuguesas, que apesar de não serem literais respeitam a estrutura da obra de Pouget.³⁴

Ao recomendar este catecismo, Frei Manuel do Cenáculo, parece dar razão aos que o acusam de jansenismo e regalismo³⁵. Para Jacques Marcadé o facto de recomendar autores e obras de cariz jansenista não o tornam obrigatoriamente adepto da doutrina de Jansénio; as suas pastorais estão isentas de qualquer erro ou heresia em matéria de fé, ele recomendaria apenas os que considerava melhores e mais actualizados e, por outro lado, era também grande admirador de Bossuet³⁶.

Fizemos uma leitura de um dos “pequenos catecismos” de Montpellier traduzidos e publicados em Portugal. Utilizamos um texto de 1788, editado em Lisboa. As razões desta opção prendem-se com o facto da obra consultada assumir um cariz didáctico: ela dirige-se aos estudantes e, por outro lado, porque é um dos mais próximos da pastoral de Frei Manuel do Cenáculo³⁷. O manual com 216 páginas, reúne dois catecismos: o primeiro, o catecismo propriamente dito, para os adolescentes, e o segundo o *Catecismo*

³⁴ - Referimo-nos ao conjunto de obras que tem o mesmo título, pois é bom precisar que a versão latina da obra de Pouget era constituída por dois volumosos in-fólio de 1002 e 954 páginas respectivamente. Desta obra foram feitos *abrégés* em francês e posteriormente traduzidos em Português. A tradução portuguesa do “grande catecismo”, apresenta-se em 4 volumes de formato oitavo, totalizando 1323 páginas. Com o título genérico de catecismo de Montpellier, encontramos nos ficheiros da Biblioteca Nacional de Lisboa 16 edições, com a primeira no Porto, em 1769 e a última em 1884, também no Porto. Existem contudo várias edições em Lisboa e Coimbra. Veja-se MARCADÉ, ob. cit., p. 342.

³⁵ - As acusações foram feitas por Fortunato de ALMEIDA, *História da Igreja*, t. IV, p. 18.

³⁶ - MARCADÉ, “D. Frei Manuel do Cenáculo Vilas Boas, Provincial des Réguliers du Tiers Ordre Franciscain 1768-1777” *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. III, Paris, 1971, p. 453. Cenáculo recomenda Fleury e Racine (suspeitos de jansenismo) para a história da igreja, para os pregadores Nicole, e para os estudos de Filosofia e retórica Verney, Heinécio. Este último protestante será adoptado nas escolas portuguesas nas aulas de Filosofia Moral, por sugestão de Cenáculo e traduzido por Bento Farinha. Consulte-se o nosso trabalho *As ideias pedagógicas em Portugal nos fins do século XVIII- Bento José de Sousa Farinha*, p. 123-133.

³⁷ - O título completo do texto é: *Catecismos da diocese de Montpellier impressos por ordem do Bispo Carlos Joaquim Colbert, traduzidos na lingua portuguesa, para por elles se ensinar a doutrina christã aos meninos nas escolas dos reinos, e dominios de Portugal. Acrescentado com a ladainha, e modos de ajudar à missa*, Lisboa, na Régia Oficina Typographica, 1788. Existe uma edição saída no Porto no mesmo ano, idêntica à de Lisboa (Idem, Porto, Officina de António Alvares Ribeiro 1788). Torna-se difícil saber qual era exactamente o catecismo de Montpellier indicado pelo bispo de Beja, dada a ausência de indicações mais precisas nas pastorais. Cfr. J. MARCADÉ, (1978), ob. cit. p. 343.

*pequeno. Para meninos que ainda não estão confirmados*³⁸. Em apêndice transcrevem-se diversas orações « *para se fazerem publicamente nas igrejas paroquiais*»³⁹.

Começamos pelo catecismo propriamente dito. A doutrina agrupa-se em 3 partes, divididas em lições e seguindo sempre

o método dialógico: perguntas e respostas simples, claras e concisas. A primeira parte explica e desenvolve o « *Symbolo dos Apostolos*», ou profissão de fé: crença em Deus, Santíssima Trindade, nos anjos e demónios, na criação do mundo e do homem, no pecado original, na vinda de Cristo, sua morte e ressurreição para salvação dos homens e constituição da Igreja, como intermediária da graça divina. A perspectiva que se desenvolve é histórica, seguindo como fonte principal a Bíblia, quer o Antigo Testamento e sobretudo o Novo Testamento. O tema mais desenvolvido é relativo ao Messias, ao todo 9 lições: promessa da vinda, encarnação, Jesus Cristo, vida de Jesus (em duas lições) , baptismo e tentação, morte, descida aos infernos, ressurreição e ascensão⁴⁰. É neste domínio notória a preocupação em explicar devidamente e de forma convincente os dogmas da divindade, humanidade e encarnação de Cristo, bem como da virgindade de Maria:

«P. Jesus Cristo he verdadeiro Deos?

R. Sim. Pois he Filho de Deos, e a segunda Pessoa da Santissima Trindade.

P. Este Senhor he verdadeiro Homem?

*R. Sim. Pois tem hum corpo formado do sangue de huma Virgem, e huma alma creada por Deos como as nossas.»*⁴¹

Ainda nesta parte, quando se aborda o período anterior a vinda do Messias, dá-se uma pequena história do Povo Eleito, com um nítido pendor anti-judaico. O manual apresenta duas lições dedicadas à ingratidão dos Judeus:

«P. Forão os Israelitas reconhecidos a Deos pelas graças, que receberão da sua mão?

R. Quasi sempre forão ingratos e viverão deliquentes. (...)

P. Como castigou Deos aos Judeos por haverem crucificado ao Messias?

³⁸ - Ob. cit. p. 139

³⁹ - Ob. cit., p. 189.

⁴⁰ - Cfr. Catecismo..., pp. 31-47.

⁴¹ - Idem, p. 33.

R. Com a espantosa ruina de seu paiz, e Templo, e com a reprobção, e dispersão deste povo ingrato, e rebelde»⁴².

O carácter didáctico e pedagógico do texto surge bem vincado na última lição, desta primeira parte, dedicada por inteiro ao resumo do essencial de todas as anteriores. Procede-se à desmontagem dos artigos, ou frases do Credo, explicando cada uma delas, com o objectivo declarado de levar o jovem, não apenas a aprender bem e recitar o credo diariamente, mas também, « *para que comprehendamos o sentido das palavras, que proferimos, e nos aproveitemos delle*»⁴³.

A segunda parte trata da vida do cristão: dos pecados a que deve fugir, quer capitais, quer veniais, das virtudes que deve procurar, dos mandamentos divinos, que são tratados um a um, e dos preceitos da Igreja, também chamados na época mandamentos da Igreja. Na matéria, que é dividida em 28 lições, a parte de leão vai para o Decálogo(Lição IX à XV). Neste tema, no respeitante ao primeiro mandamento, ressalva-se a legitimidade e importância do culto das relíquias e imagens dos santos , certamente em resposta às vozes dos agnósticos e ateus que começavam a ouvir-se com insistência e fruto dos tempos :

« *P. He idólatra, ou supersticioso quem der culto às Reliquias dos Santos, às Cruzes, e às Imagens, como faz a Igreja?*

R. Não; antes pelo contrário he este hum Santo exercicio em todo o tempo na Igreja desde os Apostolos»⁴⁴.

Quanto aos preceitos da igreja o relevo é dado à « *santificação dos Domingos e Festas de guarda*», bem de acordo com a necessária interiorização das solenidades e rituais, ultrapassando o mero formalismo ou exteriorização:

« *P. Que devemos fazer para santificar dignamente as Festas?*

R. Empregar estes santos dias no serviço de Deos do modo que dissemos, fallando do Domingo, e deixar-nos penetrar do espirito de cada solemnidade, quero dizer,

⁴² - Idem p. 27 e 29.

⁴³ - Idem, p. 70. Para compreender melhor este resumo da primeira parte anote-se na citação: «*P. De quantos artigos se compõe o Symbolo dos Apóstolos?*

R. De doze artigos.

*P. Que ensina o primeiro artigo expresso nestes termos: **Creio em Deos Padre todo Poderoso, creador do Ceo, e da terra?***

P. Que não há mais que hum Deos em três Pessoas, das quaes a primeira he o Padre; que Deos he todo poderoso; e que do nada fez o Ceo, e a terra, e todas as cousas»(Idem, p. 67).

⁴⁴ - Ob. cit. p. 82-83.

*occuparnos nos Mystérios, que a Igreja celebra, ou das virtudes dos santos, de que honra a Memoria».*⁴⁵

Na última parte o tema central é a graça divina e os meios de a obter: os sacramentos, a oração e o « Santo Sacrifício da Missa»⁴⁶. O texto dá relevo aos ensinamentos sobre os sacramentos da Eucaristia e Penitência, ao todo 8 lições com recurso constante aos ensinamentos de Cristo, para fundamentar a importância da eucaristia como meio de santidade⁴⁷. Compreende-se a insistência na matéria dado o nível etário dos alunos, a necessitar de preparação para a Comunhão, mas pode também notar-se o desejo em clarificar e afastar as falsas interpretações num dogma que suscitava sempre muitas dúvidas nos crentes. A própria obrigação da *desobriga* nos esclarece sobre este sentido disciplinador e racionalizador que está subjacente às práticas litúrgicas e à própria vivência religiosa nas antigas sociedades pré-industriais.

A defesa de um ensino religioso graduado, em conformidade com o nível etário das crianças, esteve certamente na origem do *Catecismo pequeno. Para Meninos, que ainda não estão confirmados* e que, como dissemos, faz parte da obra⁴⁸. A insistência na memorização e na aprendizagem das primeiras orações do cristão, é fornecida logo no início, juntamente com algumas normas pedagógicas muito interessantes e que não resistimos a transcrever :

*« Deve principiarse, fazendo aprender de cor aos meninos o Padre nosso, a Avé Maria, o Credo, fazendo-os pronunciar distintamente todas as palavras, e aprender estas orações em Latim, e em Portuquez. Acrescentar-se-ha a isto os Mandamentos de Deos, e da Igreja(...). Convem instruir aos meninos pequenos hestas cousas logo que souberem fallar, sem esperar que saibam ler(...). He preciso tambem mandallos fazer o sinal da Cruz todas as vezes que se começar a perguntallos. O catecismo seguinte pode fazer-se aprender aos meninos, que tem sinco, ou seis annos»*⁴⁹.

⁴⁵ - Ob. cit. p. 91-92. Esta era também uma das preocupações da pastoral de Frei Manuel do Cenáculo, que insistirá continuamente na necessidade de respeitar os Domingos e festas religiosas. « L'observation des Dimanches et jours de fêtes est une des préoccupations de Cénaculo », J. (1978), Ob. cit., p. 337.

⁴⁶ - Cfr. *Catecismos...*, p. 101- 137. Esta terceira parte compreende 24 lições.

⁴⁷ - Ob. cit. p. 107 e ss.

⁴⁸ - Idem, pp. 139-176.

⁴⁹ - Ob. cit, p. 139.

Seguem-se 39 lições de catequese com perguntas e respostas muito simples e directas, a pedir uma fácil e rápida memorização por parte das crianças:

«P. *Ha muitos deoses?*

R. *Não ha mais que um só Deos.*

P. *Ha muitas pessoas em Deos?*

R. *Sim. Ha tres Pessoas em Deos».*⁵⁰

Muitas são as respostas com simples afirmativa ou negativa e os termos utilizados são sempre os mais acessíveis. O ensino neste nível etário baseava-se na oralidade e como tal a repetição das premissas exigia um estilo «sintético e compendiário» reforçado. A temática segue a do catecismo dos adolescentes e é de supor que muitos dos jovens, que sabiam ler e estudavam o catecismo “maior”, fossem catequistas dos mais pequenos⁵¹.

O apêndice com as orações, como é norma nos catecismos, abre com « *Compêndio da Fé. Que deve ler-se nas Igrejas Paroquiais todos os Domingos à Estação*»⁵². Trata-se de um desenvolvimento do Credo ou profissão de fé. Seguem-se as orações públicas para de manhã e para a noite, ambas com versões completas e abreviadas. As orações para de manhã, recomendadas para se fazerem nas igrejas paroquiais « *antes da primeira missa da paróquia, em cada Domingo ou dia festivo*»⁵³, compõe-se, na sua versão normal, de Pai Nosso, Avé Maria, Credo, Confissão e diversas orações: pedindo as virtudes cardeais, pelo Papa e restantes pastores da Igreja, pelos defuntos e pelos hereges⁵⁴. O conjunto documenta a insistência pastoral, a que já aludimos, respeitante a santificação dos dias santos; a oração antes da missa é considerada como preliminar importante para alcançar a verdadeira comunhão dos crentes .

3- O Catecismo do Padre Teodoro de Almeida

⁵⁰ - Idem, p. 140.

⁵¹ - A pratica de colocar « os meninos adiantados» a ensinar os mais novos é recomendada por Frei Manuel do Cenáculo « para repetir e dizer a simplicidade das palavras que encerrão os Mystérios», *Pastoral sobre o catecismo*, p. 28.

⁵² - Ob. cit., p. 177-188.

⁵³ - Idem, p. 189.

⁵⁴ - Veja-se ob. cit. pp. 189-197. O Pai Nosso, Avé Maria, Credo e Confissão são transcritas em Português e Latim.

O catecismo tradicionalmente recomendado pela Igreja e dirigido aos párocos era o *Catecismo Romano*, resultante do Concílio de Trento, decretado em 1564 e editado em 1566. O manual, que compendia o esforço da igreja em matéria de instrução cristã, é uma obra notável, que mereceu através dos tempos os mais elevados elogios por parte dos papas que o recomendaram, nomeadamente Clemente XIII, com a bula *In Dominico agro*(1761) e Leão XIII, numa carta encíclica datada de 8 de Setembro de 1899⁵⁵. Em matéria de instrução religiosa é « *um marco milenário na literatura catequística da cristandade e o termo não só duma estupenda exactidão e segurança doutrinal atingida no concílio de Trento, mas também o apogeu duma longa e riquíssima produção doutrinal de catecismos em toda a Igreja*»⁵⁶.

A obra constituiu referência obrigatória em matéria de teologia, de dogma e mesmo em termos pedagógicos. Pensámos, nomeadamente, na arrumação da doutrina em três partes: o “symbolo”, os sacramentos e os preceitos do decálogo, seguidas do apêndice com orações⁵⁷. Apesar dos elevados dotes e qualidade, o texto revelava-se muito mais adequada para as elites eclesiásticas e párocos do que para o simples povo cristão iletrado, tal como o exprime o Patriarca de Lisboa na introdução do catecismo, que manda compor e publicar em 1791:

« ... por quanto o *Cathecismo Romano*, que devia sobre todos ter a preferência, por ser publicado por ordem do Concílio Tridentino, **achámos que mais era huma Colleção de Dissertações Theologicas**, proprias para instruir solidamente os Parochos, do que *Instrucção familiar para o Povo, que he o que Nos desejamos*»⁵⁸.

⁵⁵ - Consulte-se o artigo “Catechismo”, *Enciclopedia Italiana di scienze, lettere ed arti*, Milano, Istituto Giovanni Treccani, 1931-1939, t. IX, pp. 439-442. As recomendações pastorais vêm até aos nossos dias com as encíclicas de , S. Pio X e Pio XII.

⁵⁶ - Raul de Almeida ROLO, “Introdução”, in D. Frei Bartolomeu dos Mártires. *Catecismo ou doutrina cristã e praticas espirituais. Obras completas*, vol. 1, Ed. Movimento Bartolomeano, verdade e vida, Fátima, 1962, p. 27. Veja-se também, INÁCIO, João Luís, *Visitas pastorais em Leiria e freguesias vizinhas no século XVII*, Tese de Mestrado apresentada à Universidade Nova, Lisboa, 1988, pp. 42-43.

⁵⁷ - Consultamos uma versão de 1761 *Catechismus ad parochos ex decreto sacossancti concillii tridentini iussu editus Pii V. Pontificis Maximus editus*, Lisboa, Augustae taurinorum, ex Typographia Regia, 1761, 598 p.

⁵⁸ - *Catecismo da Doutrina Christã, composto por mando do EMº e REV.º Senhor Cardeal de Mendonça Patriarca de Lisboa*, Lisboa, Officina António Rodrigues Galhardo, 1791, p. IX.

A obra recomendada pelo Cardeal Mendonça, de autoria do Padre Teodoro de Almeida, constituiu também um sucesso editorial até finais do século XIX⁵⁹. O catecismo é dirigido aos crentes em geral e assume, num volume de 541 páginas, o diálogo e a clareza, utilizando frases curtas e termos simples, como o método mais adequado para inculcar nos crentes a doutrina. À tradicional divisão nas três partes acrescenta-se uma quarta acerca « *Dos exercícios do Cristão*»⁶⁰. Em termos de comparação com o catecismo de Montpllier, ressalta logo a insistência nos aspectos que se prendem com a vida espiritual dos adultos, que são mais pormenorizados. Referimo-nos, especialmente à segunda e terceira partes que tratam respectivamente da « *Vida do cristão, isto he dos vícios e das virtudes*»⁶¹ e « *Da graça e meios para a conseguir, que são os sacramentos e a oração*»⁶². É também nestas partes que o autor nos demonstra como o catecismo pode regular toda a vida dos homens, adquirindo deste modo um importante papel normativo da vida social e económica.

O essencial da vida do cristão resume-se em « *fugir dos peccado e abraçar as virtudes*»; para o conseguir dispõe do Decálogo e dos Sacramentos. Antes de tratar dos mandamentos e depois de enunciar as diversas castas de pecado e as virtudes que lhe são opostas, apontam-se as obras de misericórdia corporais e espirituais. Nestas últimas é dado destaque ao « *bom conselho e a correcção fraterna*», ou seja, « *reprender os nossos proximos dos defeitos que elles tem*»⁶³. O texto atribui como dever de todos os superiores corrigirem os seus inferiores, sendo, contudo pouco claro relativamente ao

⁵⁹ - Parece não constituir dúvida a autoria de Teodoro de Almeida, tal como nos esclarece Inocêncio da Silva: « *Sahiu sem o seu nome, porem é incontestavelmente obra sua, e como tal foi sempre havido*». Inocêncio SILVA, *Diccionario bibliografico Portuguez*, Lisboa, 1850-1923, t. VII, p. 305) Consultamos a 6ª edição do catecismo de Teodoro de Almeida que refere já o nome do autor e atesta também o sucesso da obra: *Cathecismo da doutrina christa composto por ordem do Eminentissimo Cardeal Mendonça pelo Padre Theodoro d'Almeida e mandado observar pelo eminentissimo cardeal Rodrigues Patriarcha de Lisboa, por sua pastoral de 30 de Novembro de 1858*, 6ª edição, Lisboa, Livraria de J.P.M. Lavado, 1864. (122 páginas). Sobre a vida e obra de Teodoro de Almeida veja-se Francisco DOMINGUES, *Ilustração e catolicismo. Teodoro de Almeida*, Lisboa, Edições Colibri, 1994.

⁶⁰ - Catecismo ... (1791), . pp. 353-486

⁶¹ - Ob. cit. p. 84.

⁶² - Ob. cit. p. 217. Que a cartilha se dirige também aos adultos vê-se no tratamento exaustivo do sacramento do matrimónio e dos seus impedimentos a consanguinidade, afinidade, crime e rapto (ob. cit. pp-294-303).

⁶³ - Ob. cit. p. 118.

sentido inverso. Explicito e taxativo é relativamente à esmola uma das sete obras de misericórdia corporais: «*P. Quem está obrigado à esmola?*

R. Todos: huns mais, e outros menos; conforme as nossas possibilidades, e a necessidade alheia»⁶⁴.

A esmola deve retirar-se dos bens supérfluos «*para a vida e para o estado*», precisando-se que tudo o que resulta da vaidade nunca pode ser considerado como necessário para manter o estado em que Deus colocou o homem⁶⁵. Nesta perspectiva a esmola surge como uma alternativa de virtude para os cristãos ricos ou remediados, que repudiando o luxo devem tirar do que lhe é supérfluo para ajudar os pobres. A obrigatoriedade da esmola pode entender-se, em termos económicos, como canalização dos excedentes para a caridade pública, prática que tradicionalmente era controlada pelo clero, através das instituições de solidariedade, e lhe permitia manter a situação de privilégio⁶⁶.

Os mandamentos são o fundamento e regra de todas as virtudes e são tratados no texto um a um. Quanto ao primeiro - adorar a Deus - perpassa a necessidade de refutar os ataques dos hereges a propósito de questões, como o culto à Virgem e aos santos, às imagens e relíquias. A polémica clarifica-se recorrendo à distinção conceptual entre adoração e veneração; por isso venerar os santos e a Virgem Maria é um acto normal de culto:

«*P. Pois não é idolatria adorar as criaturas?*

R. Nós não damos à Senhora nem aos santos a adoração que damos a Deos. Veneramos sim, e honramos a Senhora, e aos santos como criaturas mui chegadas a Deos»⁶⁷

Revelador do sentido ético que referimos é o tratamento e desenvolvimento dado ao quarto mandamento. Além da obrigação de honrar pai e mãe, enumeram-se as obrigações dos criados a respeito de seus amos, as obrigações dos amos para com os criados, dos

⁶⁴ - Idem, p. 120.

⁶⁵ - Cfr. ob. cit. pp. 121-122.

⁶⁶ - Cfr. Adam SMITH, ob. cit. pp. 446-449.

⁶⁷ - Ob. cit. p. 138. Anote-se a propósito da idolatria, que é apresentada como um dos 3 pecados contra a religião (os outros são o sacrilégio e a superstição), como se referem os ataques dos ateus: «*P. E porque ralhão os hereges contra nós, dizendo que adoramos os páos de que se fazem as imagens? R. Porque não advertem, que nós se adoramos as Imagens que representam a Jesu Christo, não he pello que ellas são, mas só pelo que representam*». (Idem, p. 135). Quanto ao culto às relíquias e imagens, conclui Teodoro de Almeida, ele é autorizado por Deus e a prova são «*os grandes milagres que a cada passo obra por meio das reliquias e imagens*». (Idem, p. 141)

párocos a respeito dos fregueses, dos padrinhos a respeito dos afilhados e as obrigações recíprocas entre marido e mulher:

« *P. Quaes são as obrigações da mulher a respeito do marido?*

*R. Muitas; porque lhe deve amor, **obediência**, fidelidade, paciência, e assistencia*»⁶⁸.

A reciprocidade que se pretende impor indicia-nos a evolução nas atitudes e relações entre cônjuges; o marido já não é o “dono da sua mulher”, como se vê em textos do século XVI ou XVII, agora recomenda-se uma relação, que embora longe de uma igualdade, estipula o amor, como indispensável para manter a « *união de corações que Deos intentou no Matrimonio*»⁶⁹ :

« *P. E quaes são as obrigações dos maridos a respeito de suas mulheres?*

R. Também tem muitas obrigações.

P. Quaes são?

*R. Cinco principaes;: **amor terno, sustento**, fidelidade, paciencia, e assistencia.*

P. Porque ha de esse amor ser terno?

R. Porque o seu sexo o pede: a mulher deve amar o seu marido com respeito, e o marido deve amá-la com ternura»⁷⁰.

Como as citações nos mostram a mulher continua a dever obediência ao marido « *em tudo o que não for pecado*»⁷¹, em troca, o marido deve-lhe o sustento e o dito « amor terno». Estamos como se conclui num plano em que o marido continua socialmente superior à mulher, mas o papel desta é agora visto com outros olhos⁷².

A mesma reciprocidade se estipula para as relações entre pais e filhos, em que também o amor é considerado o fundamento da relação. A instrução da doutrina cristã e a

⁶⁸ - Idem, p. 164. Sublinhado nosso.

⁶⁹ - Idem, p. 165.

⁷⁰ - Idem, p. 166. Sublinhado nosso

⁷¹ - Idem, p. 165.

⁷² - Sem pretendermos desenvolver o tema não há dúvida que ao longo do Antigo Regime o papel da mulher e o modo como é encarado pelas elites sofreu importante mutação. Em finais do século XVIII, em Portugal, muitos são os autores que apresentam novidades neste tema: veja-se o exemplo de Verney que defende a necessidade de instrução para as mulheres (*Verdadeiro Método de Estudar*, Lisboa, Sá da Costa, 1959, t. V), ou a obra e pensamento D. José Azeredo Coutinho, consulte-se, a este propósito o nosso trabalho “O pensamento e acção pastoral do bispo de Elvas, D. José Joaquim de Azeredo Coutinho (1741-1821), *IBN Maruán. Revista Cultural do concelho de Marvão*, nº 5, 1995. pp. 89-96.

correção, que pode recorrer ao castigo « *com prudência*», são enunciados como deveres dos pais relativamente aos filhos⁷³.

Para completar o quadro da sociedade doméstica tratam-se as obrigações recíprocas entre criados e amos. Também aqui o respeito mútuo e até o amor é apontado como indispensável. É claro que estamos, como o autor o explicita, perante graduações diferentes do conceito:

« *P. Quais as obrigações dos criados a respeito dos seus amos?*

R. São quatro: porque lhe devem ter amor, respeito, fidelidade, e obediência.

P. Que casta de amor devem ter os criados a seus amos?

R. Amor, que os faça zelar os interesses da casa que lhes competem, e acudir por elles»⁷⁴

Os amos estão também obrigados, segundo o texto, a um conjunto de deveres: o pagamento pontual do salário, o sustento, a instrução, a correção, o bom exemplo e a assistência. Por exemplo a questão do salário surge bem vincada: « *Elles (amos) devem pontualmente pagar-lhes o salário em que se ajustarão.*

P. E será pecado retardar-lho se elles o pedem?

R. He hum peccado que clama ao Ceo».⁷⁵

O catecismo não contempla apenas a mera catequese, mas todo o procedimento do cristão nas suas relações com os semelhantes, inclusive as relações de trabalho e por isso é encarado como um código para as relações sociais e económicas. Com efeito até as questões do preço dos bens e serviços e da usura são abordadas, a propósito do sétimo mandamento, que proíbe o furto. Apontando que existem três tipos de furto: tomar os bens alheios, retê-los injustamente e causar dano ao próximo, é neste ultimo acepção que se considera que os que não são diligentes no trabalho roubam o próximo: « *P. E os officiais que trabalham com preguiça, também furtam?*

R. Também; porque trabalhando menos do que devem, levam contra a razão parte do seu jornal»⁷⁶. Quanto aos preços é roubo vender mais caro que o devido ou comprar por preço abaixo do valor real:

⁷³ - Catecismo..., p. 159.

⁷⁴ - Ob. cit. p. 161.

⁷⁵ - Idem, p. 163. Parentesis nosso.

⁷⁶ - Idem, p. 187.

« P. E que peccado fazem os que comprão mui barato a quem vende por necessidade, ou sem saber o que vende?

R. Todo o que não paga a cousa se não muito menos do seu preço, furta, e he ladrão disso que falta para o **justo preço**(...). Porque quem vende huma cousa, he senhor de todo o seu **justo valor**, e quanto lhe abatem delle, quanto lhe furtão»⁷⁷.

As relações económicas devem pautar-se, portanto, pelas tradicionais ideias de justo preço e justo valor, que compreensivelmente a cartilha não aprofunda. Compreende-se assim o combate às práticas dos usurários e dos « que fazem monopolio, ajustando-se entre si de não venderem, ou comprarem por um certo preço»⁷⁸, por serem entendidas como roubo e como tal indignas do cristão.

Uma diferença do catecismo de Teodoro de Almeida, relativamente ao de Montepelier, respeita aos mandamentos da igreja. Enquanto o texto de Montpellier estipulava seis mandamentos, dando especial destaque à santificação dos domingos, o do oratoriano, resume os preceitos a cinco, com a novidade de o último ser o pagamento do dízimo e das primícias»:

«P. Que cousa são Dizimos?

R. He a decima parte de todos os frutos da terra, e tambem das criações dos animaes.

P. Porque se devem pagar estes Dizimos?

Q. Porque sendo Deos o Senhor de tudo, e que tudo nos dá, he justo que demos a Deos em reconhecimento parte do que elle nos dá»⁷⁹.

O que sobressai no catecismo de Teodoro de Almeida, relativamente ao conteúdo, é ainda, como dissemos, um destaque para as normas ou directivas indicadas para a vida do cristão e seus «exercícios»; além da importância dos sacramentos, o texto sublinha a necessidade de oração para alcançar a graça divina. Por isso a terceira parte é praticamente dedicada à explicação das orações: o Pai Nosso, a Saudação Angélica, a Salve Rainha são explicadas frase a frase e seguidas de uma lista imensa de orações.⁸⁰ A

⁷⁷ - Idem, p. 188.

⁷⁸ - Idem, p. 189. Anote-se também na condenação da usura: « P. E que dizeis vós dos usureiros? R. Que são ladrões, levando mais do que lhes he permitido». (Idem, ibidem). Refira-se que a questão do juro não é referida textualmente, o que pode indiciar que ele não é condenado.

⁷⁹ - Ob. Cit. p. 214-215).

⁸⁰ - sob o título genérico de orações cristãs e alem das mencionadas transcrevem-se: Bem-aventuranças, Frutos do Espirito Santo, Potências da Alma, Conselhos Evangélicos, Sentidos corporais, Das Ave Marias

última parte trata dos « *exercícios do cristão*»: um conjunto de directivas e orações para a vida de um cristão. Nada foi esquecido: desde os procedimentos diários, ao levantar, ou deitar e às refeições, até aos conselhos para as diferentes solenidades da igreja, ou para receber os sacramentos da confissão, comunhão e, enfim, até para os momentos extraordinários como a visita aos enfermos ou o dia de aniversário. Anote-se, a título de exemplo, nas atitudes e comportamentos que se aconselham às refeições:

« *P. Com que espírito deve o christão pôr-se a meza?*

R. Com o desejo de cumprir o preceito de Deos pela lei natural, que nos obriga a sustentar a vida que Deos nos deo.

P. Que mais fins deve ter o christão no seu sustento?

R. Por-se em estado de cumprir as obrigações da sua familia, ou comunidade, ou corporação a que pertence.

P. Que peccado faz, quem por omissão, ou outra causa injusta se priva do sustento preciso?

R. Faz peccado mortal, ou venial, conforme o damno grave, ou leve, a que expoe a sua saude, e vida»⁸¹

O sentido ético estipulando as obrigações do homem com os seus semelhantes, completa-se com os deveres do homem para consigo próprio, a começar pelo mais importante que é não por em causa a própria vida.

Utilizando ambos o método dialógico e compendiário, os dois manuais apresentam diferenças que resultam essencialmente do nível social e etário dos destinatários. Ambos, contudo, apresentam a mesma preocupação pedagógica na explanação da doutrina cristã, procurando esclarecer de forma convincente e fundamentada os ouvintes ou leitores, numa perspectiva de compreensão e interiorização dos preceitos, das solenidades da Igreja e das orações. O facto nota-se nas temáticas já referenciadas, tais como, a questão do pagamento dos dízimos, o culto das relíquias e a santificação dos domingos⁸².

ou Angelus Dominus, Confissão, Acto de Contrição, Acto de Actrição, Acto de Amor a Deus, Acto de Fé, Acto de Esperança, Acto de Caridade, Acto de Entrega a Nossa Senhora, Acto do Anjo da Guarda. Cfr. Ob. Cit. p. 309-338).

⁸¹ - Ob. cit, p. 353.

⁸² - A cartilha de Montpellier nem indica os dízimos como mandamento da Igreja. Mencionam-se seis «preceitos principais»: Santificar os Domingos e festas, Missa dominical, confissão e comunhão uma vez no ano, jejum na Quaresma, e o último: « absterse de carne nas sextas feiras e sabbados» (Conferir *Catecismo*

Trata-se certamente, na perspectiva da hierarquia eclesiástica, de dar resposta aos que punham em dúvida as verdades da fé e os mandamentos da Igreja e que em finais do século XVIII tinham cada vez mais leitores e adeptos. A defesa e apologia da religião revelada contra o deísmo e ateísmo é um dos temas fulcrais da ilustração portuguesa de finais do século, como o demonstram as obras de Bento Farinha, ou António Ribeiro dos Santos⁸³. O impulso catéquético faz parte deste projecto político reformista; o velho catecismo romano é agora considerado pouco adequado para ensinar o povo. Procuram-se e redigem-se textos mais eficazes, onde a simplicidade e clareza se conjugam com a riqueza da doutrina e ensinamentos bíblicos.

4- Conclusão

A ilustração portuguesa do século XVIII atribui ao catecismo um importante significado político: o ensino da religião revelada é indispensável à formação do cidadão cristão. Num quadro de monarquia absoluta e que se pretendia esclarecida, a integração de todos, ou a « *união das vontades e forças*», para utilizarmos as palavras de um dos juristas mais lidos entre nós, Samuel Pufendorf, só era possível através da uniformidade religiosa. Por outro lado a Igreja estava, pelo menos em termos de elites, ao serviço do Estado. Não é assim de estranhar que o bispo de Beja encare o catecismo, como a base indispensável para o endoutrinação das massas populares numa época em que o sistema de ensino, apesar da reforma pombalina, permanecia basicamente elitista e portanto distante do povo rude.

Os catecismos têm como mensagem social e política dominante o conceito de dever e como prática a obediência. Obediência a Deus e aos seus representantes na terra ou à Santa Madre Igreja. A doutrina e mesmo as prescrições sobre o ritual, com destaque para os momentos mais importantes da vida dos homens solenizados com os sacramentos, ou

de Montpellier..., pp. 91-93). Para o texto de Teodoro de Almeida os mandamentos da igreja são cinco: Ouvir missa ao domingo, confessar uma vez por ano, comungar pela Páscoa, Jejum na quaresma e pagar o dizimo e primícias. Cfr. Ob. cit. pp. 208-215.

⁸³ -. António Ribeiro dos Santos escreveu a *Verdade da religião cristã*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1787. Consulte-se a este propósito Esteves PEREIRA, ob. cit., pp. 205-240. Outros como Bento Farinha escreveram dissertações sobre a importância do Decálogo, o sacramento do matrimónio, ou

relativos às festas e domingos, procuram sobretudo alcançar a uniformidade da sociedade e dos comportamentos, arredando as formas espúrias, ou duvidosas em matéria religiosa, tais como as superstições ou praticas mágicas. O próprio paradigma científico exigia essa uniformidade. Neste sentido o ensino religioso pode ser encarado como um meio ao serviço do Estado para disciplinar, urbanizar e racionalizar a vida dos homens. Com os ventos que chegavam da Europa , o poder e as elites encaram o catecismo, não apenas como e factor de unidade e uma resposta às ideias “revolucionárias”, mas também como meio de reformar a sociedade num quadro que mantenha a estrutura social e política vigente, ou seja, sem pôr em causa o trono e o altar. Compreende-se, assim, o lugar de destaque atribuído ao catecismo na reforma de estudos pombalina ou posteriormente em determinações legais do reinado de D. Maria, como o aviso circular dirigido a todos os bispos do reino exortando-os a não esquecerem na instrução pastoral o ensino da doutrina cristã⁸⁴.

É no aspecto racionalizador e antropológico que podemos ver a inovação das Luzes portuguesas nesta matéria. O combate contra as trevas da ignorância passa por uma pedagogia da palavra: as camadas populares devem ser esclarecidas sobre a fé, com catecismos simples mas ricos de ensinamentos bíblicos, para que compreendendo a palavra de Deus a interiorizem e a vivam no dia a dia. Defendendo que o melhor código moral está nos Evangelhos e no Decálogo, apontam-se os preceitos divinos para que o homem seja, segundo Frei Manuel do Cenáculo, « *obediente, sincero, amigo da perfeição nos seus officios*» e, portanto com muitas possibilidades de ser feliz. A religião revelada, além de ser vista como o melhor meio para defesa dos interesses do trono e do altar⁸⁵, é também entendida, num sentido antropológico, como uma necessidade para o bem estar da comunidade. Nesta linha de pensamento, o catecismo, meio privilegiado para ensinar a religião revelada, ao apelar à disciplina e contenção dos afectos, ou da “malícia natural” do homem, transforma-se num importante meio de civilização e “policia”, na dupla

a insuficiência da lei natural e a necessidade de revelação. Consulte-se o nosso estudo, *As ideias pedagógicas...*, ob. cit., pp. 133-147.

⁸⁴ - O cardeal Mendonça invocara essa circular, transcrevendo mesmo parte dela no prefácio do catecismo de Teodoro de Almeida: « *Com a Instrução, e com o exemplo lhe fareis entender, que o ensino da Doutrina Christã não deve ser restrito aos primeiros rudimentos, só proporcionados aos Fiéis na tenra idade, mas que se estende a tudo o que hum Cristão deve saber, para merecer este nome*». (Catecismo..., p.VII_VIII.

acepção de segurança e bem estar ; não apenas nas sociedades tribais dominadas pelos europeus, onde esse papel é mais do que evidente, mas junto das camadas do povo iletrado, que constituía a maioria da população da Europa do século XVIII⁸⁶. Ganham assim importância, para precisar a evolução das ideias sociais e religiosas, os estudos que procedam a uma análise comparativa destes pequenos manuais, quer na diacronia, entre o século XVI e XX, por exemplo, quer na sincronia⁸⁷.

Nas prescrições e normas relativas à vida económica, que encontramos nos catecismos, é possível divisar um espírito anti-capitalista temperado. Na realidade trata-se de normas sobre a “Económica”, ou governo da sociedade doméstica, que continuam vinculadas a um discurso tradicional , invocando as ideias medievais de justo preço e valor, combatendo o luxo e a usura⁸⁸. A esmola, o pagamento dos dízimos e a aplicação no “estado em que Deus colocou o homem” são considerados como factores indispensáveis ao bom funcionamento da sociedade e consequentemente ao bem estar. Nesta temática o discurso reformista da ilustração portuguesa, de acordo com os ensinamentos da religião revelada e do direito natural, aponta para uma ética, que tem como princípios norteadores das relações sociais, a valorização do trabalho, a solidariedade, o respeito mútuo e a dignidade da pessoa humana.

⁸⁵ - Anotamos essa defesa, de acordo com o pensamento de Adam Smith Cfr. Supra, p. 17.

⁸⁶ - Dizemos povo iletrado, com o significado textual: que não sabe ler, que de modo nenhum é sinónimo de inculto ou ignorante. Pelo contrário, consideramos que a sabedoria popular em nada é inferior à cultura das letras ou da ciências.

⁸⁷ - Tal como os manuais de civilidade estudados por Norbert Elias, são importante fonte para compreensão da evolução dos comportamentos das elites, os catecismos poderão constituir importante fonte documental, quer para o « processo civilizacional», quer para a evolução das crenças, dos comportamentos e relações entre os homens, como já demonstramos. Conferir Norbert ELIAS, *O processo civilizacional*, Lisboa, D. Quixote, vol. 1. pp. 103 e seguintes.

⁸⁸ - Contudo a insistência na diligência no trabalho, de que Cenáculo e o catecismo de Teodoro de Almeida, nos falam, ou as omissões, nomeadamente sobre o juro e ainda as prescrições sobre o comércio podem entender-se como indícios da moderação e adaptação à situação económica.